

B. T. Roberts e a santidade bíblica

“No amor não existe medo; antes, o perfeito amor lança fora o medo.”

1 João 4.18 · NAA

Leitura prévia: 1 João 4.7-21; Apocalipse 2.1-7; Tiago 1.22-27; Mateus 23.23-28

Bispo Ildo Mello

Quem foi Benjamin Titus Roberts

Se Wesley formulou a doutrina, Roberts a defendeu numa época em que o metodismo americano já a estava abandonando na prática.

Roberts foi levado a julgamento na Conferência de Genesee em 1857, recebendo censura, e expulso da Igreja Metodista Episcopal em 1858. A Igreja Metodista Livre foi organizada dois anos mais tarde, em agosto de 1860, em Pekin, no estado de Nova York.

Convém não simplificar as razões do conflito. A defesa da inteira santificação estava no centro da disputa, mas o choque envolvia também o embate entre o chamado New School Methodism e o metodismo antigo, os bancos alugados que separavam ricos e pobres nos templos, o favorecimento dos abastados, a posição sobre a escravidão, as sociedades secretas e o próprio funcionamento do poder eclesiástico.

O nome escolhido dizia tudo. Livre dos bancos alugados. Livre da escravidão, num país que ainda a praticava. Livre das sociedades secretas. Livre do formalismo. E livre, como se acrescentou depois, do autoritarismo piramidal.

A natureza da santidade

“A santidade é a nossa completa renovação na imagem de Deus, o perfeito amor de Deus derramado no coração pelo Espírito Santo que nos foi dado, de modo que amamos a Deus de todo o coração, mente e força, e ao próximo como a nós mesmos.” *B. T. Roberts, Ensinos de Santidade, cap. 22*

1. Derivada, não inata

“A santidade no homem é derivada. É a imagem da santidade de Deus: assemelha-se à santidade dele, embora fique infinitamente aquém dela.”

2. Não é moralidade filosófica

Ela não se confunde com autodomínio ou disciplina. Os pagãos tinham isso, e alguns em alto grau.

3. A crítica que continua atual

“Esforça-se por fazer os homens agirem melhor, sem lhes dizer como ser melhores. Põe grande ênfase em que façam coisas santas, sem insistir em que sejam santos.”

4. A fonte, não a repetição

“Não consiste na repetição de boas ações, mas é a condição graciosa da alma que impele à prática de todas as boas ações. É a fonte pura da qual flui continuamente água pura.”

Justificação e inteira santificação distinguidas

Roberts afirma, primeiro, que todo cristão é santificado na conversão, realmente tornado santo, com vitória sobre o pecado. Não é o caso de o justificado permanecer escravo. Mas ele não é *inteiramente* santificado.

“Alguns caem em perplexidade por confundir santificação com inteira santificação. Devemos ter cuidado de não fazê-lo.” *Ensinos de Santidade, cap. 31*

A imagem que ele usa para descrever a relação entre os dois estados é memorável: “Esses dois estados não estão tão distantes quanto muitos imaginam. Guardam entre si mais ou menos a relação entre **a erva daninha cortada e a erva daninha arrancada pela raiz.**”

A erva cortada não aparece; a superfície está limpa. Mas a raiz continua ali, e volta a brotar à primeira chuva. Arrancar pela raiz é outra coisa.

O justificado, na formulação dele, trava uma guerra em duas frentes: a externa, contra o mundo e o tentador, e a interna, contra as inclinações remanescentes. O inteiramente santificado trava apenas a externa. A batalha não acaba; muda de natureza.

Sobre a perfeição, com três distinções

1. **Perfeição por estágios.** Aplica-se ao filho de Deus em várias fases, como a planta de milho é perfeita em cada etapa do seu desenvolvimento.
- **Perfeição de amor.** “A perfeição que Deus requer é perfeição de amor. Em muitas coisas somos necessariamente imperfeitos, e sempre seremos; mas, pela graça de Deus, podemos tornar-nos perfeitos no amor.”
 - **Uma distinção que incomoda os apressados.** “Não devemos confundir a perfeição que o evangelho requer com o amor perfeito ou a inteira santificação: as Escrituras não usam esses termos como sinônimos.” E ainda: “Nunca lemos na Bíblia que alguém seja feito perfeito pela fé.”

O que ele quer dizer é o seguinte. A inteira santificação, como purificação do coração, é recebida pela fé. Mas a perfeição no sentido de maturidade comprovada vem pela fidelidade e pelo sofrimento ao longo do tempo. É o que Hebreus diz do próprio Cristo, que “aprendeu a obediência

pelas coisas que sofreu” e “tendo sido aperfeiçoado, tornou-se o autor da salvação eterna” (Hb 5.8-9). Uma coisa é a purificação do coração; outra é o caráter provado.

E a frase que resolve a objeção da capacidade limitada: “Eu posso amar a Deus de todo o meu coração; um anjo não pode amá-lo mais do que de todo o seu coração.”

Como se obtém

Roberts apresenta quatro condições, e elas formam um roteiro que vale seguir.

CONDIÇÃO 1 E 2

Determinação e autopurificação

Determinação independente e abnegada, que não depende da aprovação dos outros. E santificar-se a si mesmo: purificar-se daquilo de que se pode purificar, antes de pedir a Deus aquilo que só ele faz.

“O homem não é máquina”

CONDIÇÃO 3 E 4

Confissão e confiança presente

Confessar os pecados inatos, o que Wesley chamou de arrependimento dos crentes. E confiar implicitamente em Cristo para que faça a obra **agora**. Enquanto se adia a obra para o futuro, ela fica adiada.

“Se como está, então espere-a agora”

“Devemos ir até o limite da nossa capacidade antes de ter direito a esperar auxílio sobrenatural. A santidade é estado voluntário: o ser humano não é máquina; só a sua liberdade de vontade o torna capaz de santidade.”

E no capítulo sobre buscar a santidade, um conselho de simplicidade desconcertante: “O modo de buscar a santidade é buscá-la.” Também: “Não espere que Deus faça o que ele lhe ordena que faça. Ele o ajudará, mas você deve ajudar a si mesmo. Nenhuma quantidade de oração toma o lugar da obediência.”

Como se conserva e como se perde

Aqui está a contribuição mais valiosa de Roberts, e o assunto que a pregação popular mais confunde.

1. Sobre a conservação

Ninguém precisa aprender a perder a saúde: a negligência basta. O mesmo vale para a santidade. “A Bíblia não nos ensina a perder a santidade; dá-nos direções bem explícitas de como conservá-la.”

2. O exemplo de Éfeso

Quem não cresce seca e se torna insensível, mantendo a profissão depois de perdida a bênção. O anjo da igreja em Éfeso era ortodoxo, zeloso e trabalhador incansável, e ainda assim foi declarado caído: “abandonou o seu primeiro amor” (Ap 2.4).

3. Três modos de perder

Por pecado atual, por dúvida e incredulidade, e por deixar de confessá-la. E ele distingue: quem cai em transgressão perde também a justificação e precisa voltar como pecador; quem perde a bênção por dúvidas ou por omissão do testemunho perde a santidade sem perder a justificação, e ainda é filho de Deus, santo apenas em parte.

“É evidente, pois, que quem experimentou a bênção da santidade pode perdê-la. **Não precisa; não deve; mas pode.**” E ele adverte contra generalizações: declarações genéricas sobre esse assunto raramente são verdadeiras. Cada caso precisa ser examinado.

Santidade defeituosa e santidade falsa

PATOLOGIA 1

Defeituosa

Verdadeira, mas incompleta. Falta-lhe espiritualidade e, sobretudo, lealdade suprema a Deus. Uma santidade que só reconhece a justiça quando ela é sancionada pela maioria, ou que faz da fidelidade à instituição o dever supremo, é traição a Deus, idolatria refinada.

Foi por esse princípio que Lutero e Wesley agiram

PATOLOGIA 2

Falsa

Edificada sobre suposição falsa: dar por justificados os que apenas ocupam posição respeitável numa igreja respeitável. Quem está sob condenação precisa primeiro de perdão; construir santidade sobre esse fundamento é obra que não subsiste.

“Nem tudo o que reluz é ouro”

“A santidade do dia é tão ineficaz porque é, em tanta parte, defeituosa: a carga não se move porque muito do vapor se perde; o remédio não cura porque combinado com tantas substâncias neutralizantes; o ouro não circula porque misturado com tanta liga.”

Sobre a mortificação: não adianta pratear a colher de ferro.

Roberts diagnostica o problema dos que professam sem apresentar fruto e conclui que estão tentando santificar o que não é capaz de santificação permanente: a velha natureza. A Escritura manda despojar-se dela, e não reformá-la. E acrescenta sobre o processo: “A crucificação era morte

demorada, não súbita, como a decapitação: a vítima podia agonizar por dias. Assim, ninguém morre para o mundo de uma só vez.”

Sobre a mente carnal: contra as fantasias erradicacionistas.

No capítulo mais técnico da obra, Roberts conclui que o ser humano tem uma só mente. Na inteira santificação, a inclinação da mente é mudada, mas a mente não é destruída e a liberdade da vontade não é abolida. “A mente carnal nunca é destruída a ponto de abolir a liberdade da vontade.” Isso encerra as fantasias sobre uma santificação que tornaria o pecado metafisicamente impossível.

O que Roberts acrescenta a Wesley

1. **Realismo pastoral.** Trata da perda e da recuperação da experiência com um detalhamento que Wesley não alcançou, e distingue casos que a pregação popular confunde.
- **Crítica às falsificações.** Os capítulos sobre santidade defeituosa e falsa são o melhor material que conheço sobre o assunto, e continuam atuais palavra por palavra.
 - **Santidade e justiça inseparáveis.** Para ele, uma santidade que convive com bancos alugados, com escravidão e com a exclusão dos pobres do templo já passou do defeituoso para o falso.

Cartões de memorização

Frente	Verso
1858 e 1860 <i>História</i>	Roberts foi expulso em 1858; a Igreja Metodista Livre organizou-se em 1860, em Pekin.
Santidade, por Roberts <i>Definição</i>	Completa renovação na imagem de Deus e amor perfeito derramado no coração.
O defeito do ensino moral <i>Crítica</i>	Fazer os homens agirem melhor sem lhes dizer como ser melhores.
Erva cortada x arrancada <i>Imagem central</i>	A relação entre justificação e inteira santificação.
Duas frentes x uma <i>Guerra</i>	O justificado luta contra o exterior e o interior; o santificado, apenas contra o exterior.
A frase decisiva <i>Perfeição</i>	“Um anjo não pode amá-lo mais do que de todo o seu coração.”
Quatro condições <i>Como se obtém</i>	Determinação, autopurificação, confissão dos pecados inatos e confiança presente.
O modo de buscar <i>Conselho</i>	“O modo de buscar a santidade é buscá-la.” Sem ses que enfraqueçam a fé.

Frente	Verso
Pode ser perdida? <i>Realismo</i>	“Não precisa; não deve; mas pode.” Três modos: pecado, dúvida e omissão do testemunho.
Defeituosa x falsa <i>Diagnóstico</i>	Defeituosa é verdadeira e incompleta; falsa é edificada sobre suposição falsa.

Avaliação

1. Em que ano Roberts foi expulso, e em que ano a Igreja Metodista Livre foi organizada?

1. Expulso em 1860; igreja organizada em 1862.
2. Expulso e igreja organizada no mesmo ano, 1860.
3. Expulso em 1858; igreja organizada em 1860, em Pekin, Nova York.
4. Expulso em 1857; igreja organizada em 1858.

Resposta: (c) Correto, com julgamento e censura em 1857 antecedendo a expulsão.

2. O que a imagem da erva cortada e da erva arrancada pela raiz ilustra?

1. A relação entre a santificação recebida na conversão e a inteira santificação.
2. A diferença entre pecado original e pecado atual.
3. A diferença entre lei e graça.
4. A distinção entre santidade cerimonial e moral.

Resposta: (a) Correto. A superfície fica limpa, mas a raiz volta a brotar à primeira chuva.

3. Segundo Roberts, quais são os três modos de se perder a santidade?

1. Doença, perseguição e pobreza.
2. Ignorância, isolamento e cansaço.
3. Dúvida, negligência e excesso de zelo.
4. Por pecado atual, por dúvida e incredulidade, e por deixar de confessá-la.

Resposta: (d) Correto. E ele distingue: só o primeiro caso implica também a perda da justificação.

4. O que Roberts quer dizer ao afirmar que ninguém é feito perfeito pela fé?

1. Que a inteira santificação depende de obras meritórias.
2. Que a purificação do coração é recebida pela fé, mas a maturidade comprovada vem pela fidelidade e pelo sofrimento ao longo do tempo.
3. Que a perfeição é impossível nesta vida.
4. Que a fé é irrelevante para a santidade.

Resposta: (b) Correto, e o paralelo é o próprio Cristo, que aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu (Hb 5.8-9).

5. O que caracteriza a santidade defeituosa, em contraste com a falsa?

1. A defeituosa é fingida; a falsa é sincera mas equivocada.
2. A defeituosa nega doutrinas essenciais; a falsa apenas exagera regras.
3. A defeituosa é verdadeira mas incompleta; a falsa é edificada sobre suposição falsa, como dar por justificado quem apenas ocupa posição respeitável.
4. A defeituosa é individual; a falsa é coletiva.

Resposta: (c) Correto. As imagens do vapor perdido e do ouro com liga descrevem a defeituosa.

Para refletir

A sua santidade é defeituosa em algum ponto que você já reconhece? Onde falta vapor?

O diagnóstico de Roberts é útil porque não acusa de hipocrisia: ele admite que a santidade pode ser verdadeira e ainda assim ineficaz por adulteração. Os pontos mais comuns são dois. O primeiro é a falta de lealdade suprema a Deus, quando só se reconhece a justiça sancionada pela maioria ou quando a fidelidade à instituição vira dever supremo. O segundo é a santidade que não alcança o dinheiro e as relações de trabalho.

Por que Roberts considerava os bancos alugados uma questão de santidade, e não apenas de administração?

Porque a prática negava o evangelho na prática, por mais ortodoxa que fosse a pregação feita do púlpito. Nas igrejas metodistas americanas do século XIX, as famílias abastadas alugavam os melhores bancos e os pobres ficavam nos fundos ou de pé. Para Roberts, uma santidade que convive com isso já passou do defeituoso para o falso. Vale perguntar qual é o banco alugado da nossa geração: que arranjo prático da nossa igreja separa pessoas por classe, sem que ninguém mais repare?

Para casa

Ler Apocalipse 2.1-7 e escrever o que significaria, na prática, uma igreja ortodoxa e trabalhadora ter abandonado o primeiro amor.

Próxima aula: Aula 14 — O caminho: crise, processo e meios de graça. A última aula do curso reúne o que fazer com tudo o que estudamos, do instantâneo e do gradual à santidade que se espalha.